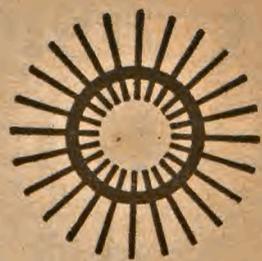


dealbar



ANO I SÃO PAULO, OUTUBRO E NOVEMBRO DE 1965

NÚMERO 2

A redação de Dealbar tomou conhecimento da entrevista do psiquiatra Dr. A. C. Pacheco e Silva, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, concedida ao «Globo» e publicada dia 16-9-65, à pág. 11. Constituinto assunto de extrema importância transcrevemos o substância, transcrevemos o substâncias leitores :

Inicialmente afirma :

«Neste momento em que se aproximam as eleições, em que o povo, através das urnas, deverá escolher seus governantes, nunca é demais adverti-lo dos perigos da escolha de elementos sem a necessária higidez mental, perigosos e nocivos, muitos dos quais já deram disso prova nos cargos para os quais foram eleitos.»

Mais adiante enfatiza :

«Política e saúde mental são assuntos da maior relevância e atualidade, dado que nunca, como no presente, a política internacional e nacional necessitaram tanto de um perfeito equilíbrio psíquico dos seus dirigentes.»

E após outras considerações sintetiza :

«Um líder não deve ser apontado como um semideus, que age sobre autómatos, impondo suas idéias, como fazem muitas personalidades com traços paranóicos, de tendências carismáticas, as quais, dotadas de grande capacidade de persuasão e de sugestão, sem escrúpulos de qualquer natureza, fazem obra de proselitismo, arrastando atrás de si as massas, empolgadas pelo fanatismo, que impede uma visão precisa da realidade.»

Tais líderes, quando alcançam o poder, não raro através de votos, em regimes democráticos, dêle não mais se afastam. Para tanto recorrem à força, à pressão, à demagogia e à corrupção, mostrando-se implacáveis para com aqueles que se insurgem contra sua tirania. Isso tudo demonstra a necessidade de se ventilarem os problemas relacionados com a liderança à luz da psicologia e da psiquiatria. Muitos líderes que logram se impor às massas, só depois de atingirem o supremo poder da nação deixam transparecer por

intelo a sua personalidade e seus intuitos. Conquanto inteligentes e sagazes, dotados de intuição política, são personalidades psicopáticas, cujos traços mais marcantes só são revelados, como foi dito, quando alcançam o poder máximo. Não se sujeitam à lei do País, comportam-se de forma excêntrica e querem, à viva força, fazer prevalecer a sua vontade, como déspotas que são, convictos da infalibilidade dos seus atos. As idéias messiânicas que os dominam, levam-nos a se inculcarem como salvadores da Pátria, encontrando sempre adeptos.

Há, entre os líderes desse tipo, traços de personalidade muito semelhantes, caracterizados sobretudo pela obstinação, pela vontade do poder, pelo autodidatismo e por uma hipertrofia mórbida da personalidade. Recorrem eles, quase sempre, aos mesmos processos de propaganda demagógica, não revelam o menor escrúpulo e agem sempre em completo desacôrdo com as idéias que pregam e as promessas feitas; tão logo se sentem suficientemente longe

da obscuridade, galgam rapidamente postos elevados.»

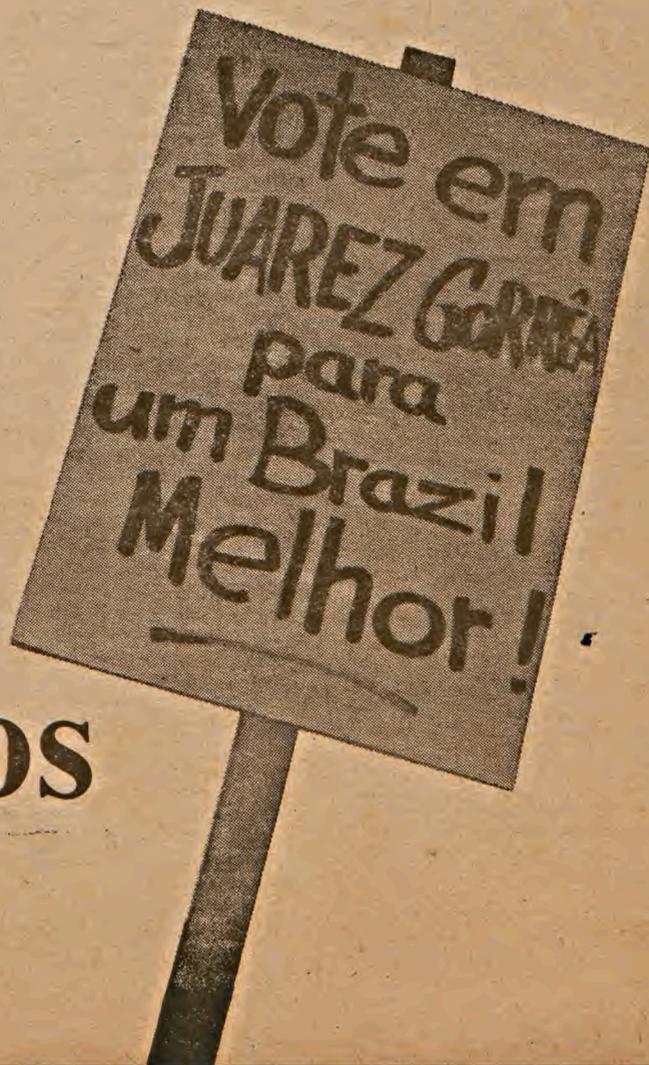
E finalmente conclui o Dr. Pacheco e Silva :

«Intolerantes, autoritários, voluntariosos, fanáticos, não admitem a menor crítica aos seus atos, não aceitam conselhos dos amigos, nem mesmo dos amigos mais devotados e sinceros, lançando mão da violência e de métodos drásticos para impor sua vontade. São de uma audácia incrível e não hesitam, quando tomam uma decisão, em lançar, se necessário fôr, o País à guerra ou à revolução, sacrificando friamente populações inteiras, levando o povo à ruína e à desgraça. Uns são impulsivos, outros se mostram frios, impassíveis e concentrados.»

Das palavras do Prof. Pacheco e Silva concluímos que seria necessário abrir um vastíssimo nosocômio, e treinar psiquiatras e psicólogos, antes que um político aperte o botão desencadeador de uma catástrofe.

Com este tema tão palpitante, voltaremos, no próximo número, para comentar algumas obras sobre o assunto.

Psiquiatra adverte o povo dos perigos da eleição de desequilibrados mentais



Casa em Vila Kennedy, Vila Esperança e Vila Aliança resolveria os problemas desta família?

Não

1. Definição

Denominamos de **Favelas** qualquer núcleo residencial, sem simetria, feito de barracos de latas e madeira, suspenso nos morros, ou em terrenos planos e alagadiços, onde em condições sub-humanas vegeta parte da população de uma cidade.

2. Origem das Favelas no Rio

Segundo as investigações históricas, após a Guerra dos Canudos, o Governo da Primeira República cedeu terrenos no Morro da Providência alguns remanescentes das forças federais, que para lá se deslocaram, construindo casebres de emergência. Os soldados que se casaram na Bahia, com mulheres naturais da serra Favela, no município de Monte Santo, se estabeleceram no morro da Providência. E tanto falaram da serra Favela que o morro da Providência virou da Favela.

3. Causa das Favelas

Os conglomerados de habitações irregulares, anti-higiênicas e superpovoadas estão em relação direta com o processo da Revolução Industrial que propiciou em todas as partes do mundo o êxodo das populações camponesas e rurais para as cidades, a fim de suprirem a demanda de mão de obra pela nascente indústria.

Por outro lado, o aumento desordenado das populações, principalmente nos países sub-desenvolvidos, constitui outra causa eficiente da existência das favelas. É suficiente afirmar que o Rio de Janeiro em 45 anos quadruplicou sua população, que no presente atinge a 4.550.000 habitantes.

4. As Favelas no Brasil

A expansão das favelas no

Rio está ligada, também, à demolição de dezenas de edifícios, entre eles muitas cabeças-de-porco (habitações anti-higiênicas, coletivas, da classe proletária, nas quais, em apenas um quarto, coabitam mais de 6 pessoas), a fim de efetuar a abertura da Avenida Rio Branco.

O tipo de habitação que caracteriza a favela não é exclusiva da Guanabara. Existe em todo o Brasil, ainda que com características locais de diferenciação. Em São Paulo aparece ao lado do **porão**, como tipo de moradia proletária e sub-proletária. No Nordeste é o **moçambo** de palha. Em Minas é a casa de taipa, sem rebôco, a **cafua**. No Rio Grande do Sul são as **malocas**.

5. Miséria e Degradação

Para a Guanabara, em 1957, uma estatística afirmava que existiam 64 favelas com uma população global de 640.000 habitantes. Há um traço de união entre o **moçambo**, a **cafua**, a **maloca** e a **favela**; é o baixíssimo padrão alimentar, as doenças, o analfabetismo, a criminalidade infantil, a prostituição, as condições higiênicas sub-animais, a improdutividade, a macumba, o espiritismo de terreiro, a ignorância: em uma palavra, a miséria econômica e moral daquela vida vegetativa.

Ora, podemos argumentar que também nos países desenvolvidos há o fenômeno da migração para os centros urbanos e a formação de moradias anti-higiênicas. Não há dúvida que isto constitui um fato; porém, sem a dramaticidade dos países sub-desenvolvidos. O êxodo rural leva para as cidades, nos países desenvolvidos, pessoas que sobram no campo. A técnica vem libertando o ser humano do lavar a terra com o suor do seu rosto. Enquanto que

no Brasil 65% da população moureja no campo em condições precaríssimas, nos Estados Unidos apenas 5% trabalham no campo com maquinaria capaz de ajudar a produzir para o resto do País. À medida que a agricultura atinge níveis mais técnicos, a máquina vai dispensando o esforço humano, liberando um número crescente de homens para outras atividades.

6. Uma Estatística Estarrecedora

O professor Jaques Marie Mahieu, sociólogo, economista e técnico em pesquisa, obteve para o Instituto de Pesquisas e Estudos de Mercado dados estarrecedores, assim discriminados:

- 20% da população do Rio de Janeiro vive em favelas.
- 15% da população das favelas é constituída de marginais criminosos.
- 21% é o índice de criminalidade nas favelas da Zona Sul.
- As favelas da zona proletária (Zona Norte) apresentam melhores condições de estabilidade social.
- 37% dos barracos das favelas da Zona Norte não apresentam instalações sanitárias.
- 80% dos barracos da Zona Sul (zona da média e alta burguesia) não apresentam instalações sanitárias.
- A grande maioria dos favelados é constituída de camponeses originários de Minas Gerais e Estado do Rio. O contingente de nordestinos é pequeno: 75 mil pessoas. Estrangeiros: 2,4% na maioria portugueses.
- 60% da população favelada é dos sem trabalho.

7. Favela e Política

Tôda favela tem sempre um político que se interessa pelo seu «desenvolvimento», ajudando os clubes de futebol e os donos de **birosca** (pequenas casas de comércio que vendem bebidas e mantimentos, situadas no interior das favelas), que servem de intermediário com os favelados. Outra grande função desses políticos é soltar vagabundos e criminosos, agindo com sua influência junto aos delegados de polícia. Tudo isto representa apreciável contingente eleitoral.

As favelas constituem os seguintes problemas:

- Problema Humano** — uma população de perto de 700 mil pessoas que vivem em condições sub-animais.
- Problema Social** — as favelas constituem focos propícios à desagregação da pessoa humana. Abrigam ninhos de marginais e são universidades de delinquência.
- Problema Econômico** — O desenvolvimento de uma grande cidade procede, de modo geral, da produção e consumo da população. A produção da favela é baixíssima, principalmente pelo índice de desocupados. Sob o ponto de vista econômico um verdadeiro peso morto para o progresso da cidade.
- Problema Sanitário** — O infimo índice de salubridade, constituindo verdadeiros focos infecciosos contaminando tôda a cidade.
- Problema Municipal** — A beleza natural da cidade, a limpeza, os transportes, tudo é prejudicado pela existência das favelas.

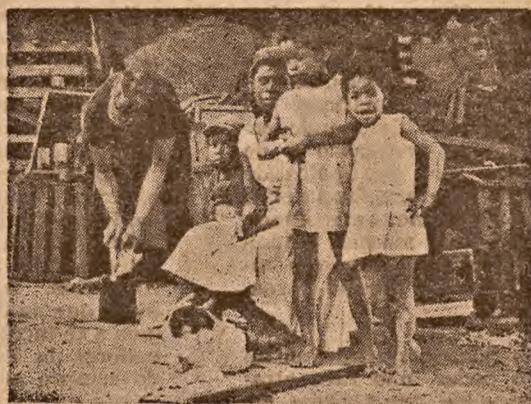
Para o equacionamento e resolução dos múltiplos problemas das favelas, seria necessário o estabelecimento dos itens:

1 — Resolução do Problema Agrário, com a liquidação dos latifúndios e minifúndios improdutivos, Fixação do camponês à terra, aumentando seu padrão cultural, de vida e de produtividade.

Não podemos nos esquecer que a maioria smagadora dos favelos é constituída de camponeses que imigram para as cidades, em busca de condições suportáveis de vida e que preferem a miséria das favelas à morte lenta no campo.

2 — Urbanização imediata das favelas recuperáveis (calçamento das ruas, água, esgoto, luz, construção de casas de tijolos, postos sanitários, escolas etc.), com a participação ativa de seus mora-

Conclui na página 7



São Paulo, a infeliz



São Paulo, a infeliz

Houve um tempo — suposto — em que São Paulo era uma cidade onde se pudesse viver. De repente, porém, a cidade começou a se deteriorar. Como se um exército de vândalos a houvesse invadido, suas ruas foram arrebatadas e nunca mais refeitas; suas casas cobriram-se de poeira; seus habitantes, como se castigados, passaram a respirar fumaça; e para humilhá-los ainda mais, os invasores obrigam-nos a se apresentar em filas todos os dias, pela manhã e à tarde e, em seguida, apertam-nos em ônibus, bondes e trens apodrecidos. As ruas da cidade são mandadas eternamente imundas: por lixo ou por material de construção, que é abandonado na calçada sem o menor respeito pelo pedestre. Todos os dias, dezenas de habitantes são executados a sangue-frio, em plena rua, por automóveis enlouquecidos. E os próprios motoristas são submetidos também, todos os dias, a torturas: obrigam-nos a se trancar em suas caixas metálicas, e agüentam barulhos, fumaças, trombadas, lentidão de movimentos. As queixas da população jamais são ouvidas.

O mais triste é que, ao contrário de outras cidades que foram invadidas, a nossa não reage. Seu povo aceita tôdas as humilhações sem se organizar em guerrilhas ou movimentos subterrâneos. Os partidos políticos — que deveriam representar esse povo — deixaram-se vender, traíram a população, fecharam-se em seus círculos inexpugnavelmente aristocráticos.

Buracos nas ruas, má pavimentação, sujeira, abandono, falta de consciência social, fumaça de ônibus, ausência de organização no tráfego, falta de jardins e parques, falta de árvores, indiferença das autoridades, falta de telefones, de transportes, de conforto, de dignidade — a todos os males a população é submetida sem um protesto sequer.

Não, ninguém me venha com o argumento conformista de que este é o preço do progresso. Que progresso? Essa estagnação ge-

ral que está aí? O número cada vez maior de jovens que procuram emprego e não o encontram? O número de desempregados que, depois de não ter dinheiro nem para dar de comer à mulher e aos filhos, deixam de ter dinheiro até para sair de casa e procurar emprego? Progresso? Que progresso? O crescente número de favelas, onde o invasor amontoa os habitantes? Falar no progresso de São Paulo sem conhecer o que está sendo feito em cidades de outros países é de causa risos de piedade!

Progresso coisa alguma! Enquanto os outros crescem, trabalham, melhoram, nós pioramos a cada dia. Enquanto, em outras cidades de outros países, constróem-se largas avenidas, em São Paulo tenta-se apenas mudar as mãos de direção. Enquanto os outros ampliam as suas redes de metrô, em São Paulo enchem-se as ruas de ônibus que mais atrapalham do que ajudam e engaveta-se a única solução verdadeira, que é a de construir linhas subterâneas de transporte. Enquanto os outros têm equipes de limpeza para manter as suas cidades impecáveis, ou fazem campanhas visando educar os habitantes para o prazer de ter uma cidade sem sujeira, em São Paulo a gente tropeça em lixo, tijolos e emporcalha-se com a poeira. Enquanto em outras cidades faz-se planejamento para os próximos cem anos, em São Paulo um engenheiro da Prefeitura, perguntado pela razão por que são aprovados loteamentos sem praças ou jardins — resultando em regiões inteiras desumanizadas, como o Brooklyn e Santo Amaro — responde «que não tem tempo para se preocupar com essas coisas!» Enquanto em outras cidades um acidente automobilístico em ruas do centro é considerado um escândalo, em São Paulo é considerado fato corriqueiro — porque nem o pedestre tem faixas por onde atravessar, nem o motorista se sente tranqüilo vendo centenas de pedestres pular à sua frente em qualquer parte da rua.

Enfim, enquanto em outras

cidades trabalha-se pelo habitante, para que ele possa ser feliz, em São Paulo simplesmente se esqueceu que na cidade existem homens, mulheres e crianças. Os outros têm progresso, nós temos a nossa infelicidade... e a lamentável burrice e indiferença de sucessivos governos incompetentes.

Jorge Brandão

MARTIM BUBER

Célebre filósofo e humanista judeu, autor de notáveis obras como: «Que é o Homem?» «Caminhos da Utopia» etc., faleceu a 13 de junho do corrente ano em Jerusalém. Os dados sobre sua origem indicam que seu pensamento se nutria nas fontes européias e na ortodoxia judaica dos massidim polacos do século XV.

Incansável investigador dos caminhos do autêntico socialismo, escreveu uma pequena obra-prima que se chama Caminhos da Utopia, na qual, após substancial análise do pensamento de Fourier, Owen, Saint Simon, entra na medula do ideário ácrata com Proudhon, Kropótkine, Bakunine e Landauer para desaguar no cerne de Marx e Engels. Extraordinária síntese de um sábio, procurando nesse cabedal de pensadores o tema da renovação da sociedade pela modificação do tecido societário. Em vão é sua busca dentro dos quadros marxistas. No pensamento libertário fixa-se de forma notável em Landauer, de quem foi amigo e admirador, para ressaltar que «a transformação da sociedade, só pode vir com o amor, o trabalho e a quietude». Não devemos esperar que venha; é necessário intentá-la, começar a realizá-la.

Nesse trabalho atinge o ponto nevrálgico das transformações sociais. Afirma que para a renovação da sociedade é necessário ir de imediato à renovação das cédulas sociais, ao mesmo tempo que descarta o processo revolucionário violento e clássico, como

dealbar 

Diretor

PIETRO CATALLO

Correspondência

Caixa Postal, 5739

Redação e Administração:

Rua Rubino de Oliveira, 85
São Paulo

“Origem dos grandes erros filosóficos”

MARIO FERREIRA
DOS SANTOS

PREÇO CR\$ 3.500

Pedidos para Livraria e
Editora LOGOS Ltda.,

Rua 15 de Novembro, 137
8.º andar — Tel. 35-6080

SÃO PAULO

incapaz de por si provocar essa renovação.

Termina por apresentar o movimento cooperativo das kibutzas como autêntica experiência renovadora da sociedade, realizada em larga escala, e cuja experimentação é legítima e vitoriosa.

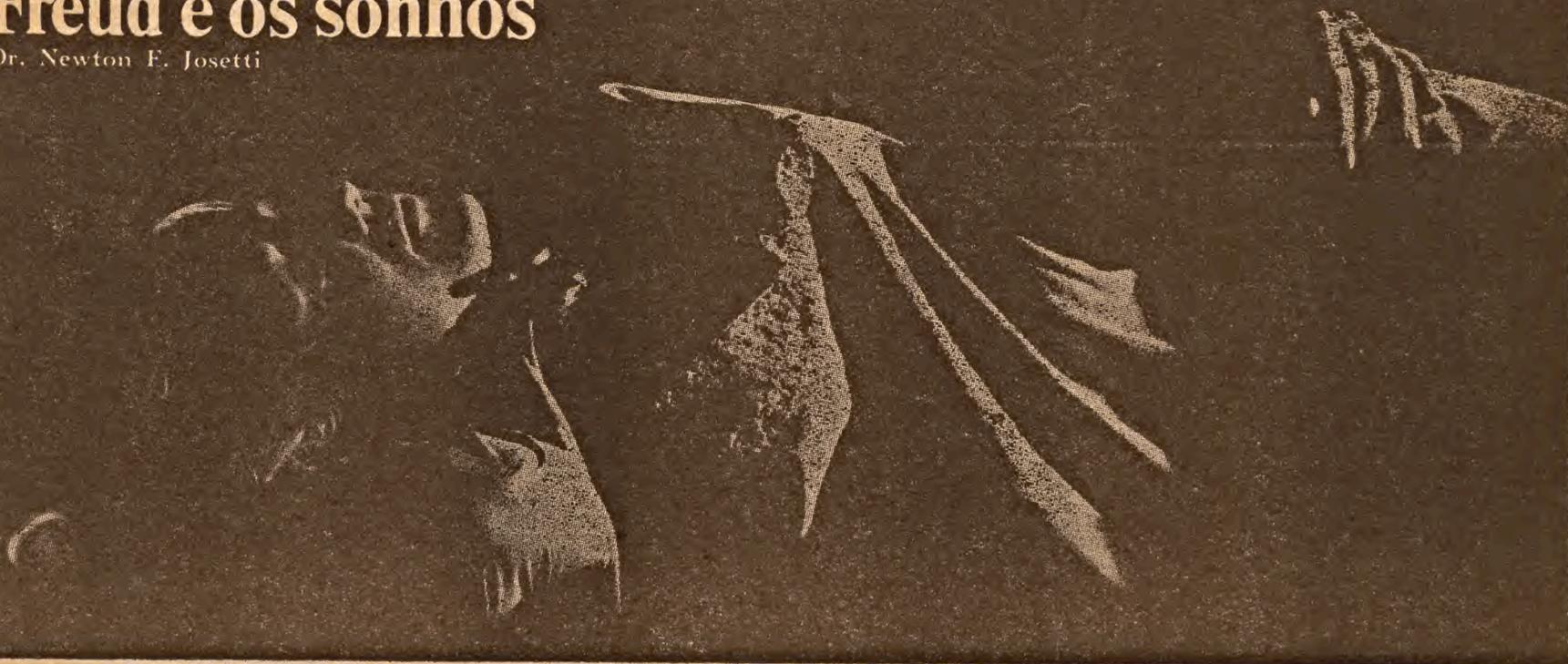
Para a comunidade a que aspira afirmar o seguinte no fim do seu livro: «Na estrutura da sociedade que imaginamos, deverá, também, haver um sistema de representação; porém, não se traduzirá, como os atuais, em pseudos representantes de massas amorfas de eleitores, mas em representantes acreditados no trabalho das comunidades. Os representados estarão unidos com seus representantes, não como hoje em abstração vã, mediante a fraseologia de um programa de partido, mas concretamente, mediante a atuação comum e a experiência comum.»

É indubitável e marcante a influência de Landauer no pensamento social de Martin Buber, assim como sobre as formações cooperativas de Israel. Para os que duvidarem basta somente ler o livro «Incitação ao Socialismo» e a «Revolução». Este último escrito a pedido do próprio Buber, para se ter a comprovação cabal.

Com a morte desse notável pensador, torna-se a humanidade mais pobre espiritualmente, enquanto silenciam por culpa os megafones da «cultura tupiniquim», mais preocupada com o último romance do 007.

Freud e os sonhos

Dr. Newton E. Josetti



Ainda estava Freud ligado a Breuer, quando realizou seu trabalho sobre a história. Daí, partiu para um conjunto de experiências que culminaram no estudo dos sonhos.

O descobrimento de que os sistemas patológicos de determinados indivíduos nervosos possuíam um sentido (significado, segundo Ogden & Richard) e a comprovação de que esses sintomas e suas causas se apresentavam abertas ou veladamente nos sonhos dessas pessoas, foi o ponto de partida da psicanálise. Freud concluiu que podemos chegar ao conhecimento das causas de determinados sintomas patológicos, não só seguindo a técnica elaborada (hipnose) mas, também, tomando como ponto de partida os temas apresentados nos sonhos. Portanto, colocou o sonho como ponto de pesquisa científica, usando o método experimental — (no campo das ciências, parte-se das consequências para inferir as causas).

Verificou, mais adiante, existir determinado grupo de pacientes que se repete constantemente em certos indivíduos. Isto já havia sido observado por outras pessoas, mas não havia ainda o entendimento da natureza do processo dessas alterações, que vinham rotuladas ora como perturbações nervosas ora como perturbações motoras, ou ainda anímicas, carecendo de uma classificação.

A esse conjunto de fenômenos dava-se o nome de **nevrose**, denominação imprópria,

porque «ose» é característico dos processos destrutivos ou degenerativos. Portanto, tais pessoas tomavam o nome de **degenerados mentais**. No entanto, na neurose não há nenhuma destruição ou anomalia nos nervos ou nos centros nervosos. São processos em que se mantém a integridade anatômica, havendo apenas uma perturbação funcional.

Hoje, já se inicia o estudo do córtex cerebral e de seu funcionamento de forma experimental, por intermédio da corticografia, do qual possui o Brasil um nome exponencial, pouco conhecido, o professor D'Ultra, de Mangueiras.

O estudo dos sonhos, através do estabelecimento de uma série de enlaces, permitiu que se definisse a estrutura das neuroses em: **fóbicas, obsessivas, compulsivas, síndromes histeriformes e angustiosas**.

Na neurose **fóbica**, aparece no sonho o elemento ou situação fóbigena. Na neurose **obsessiva** aparece a figuração da autoridade repressora: soldados, militares, guardas, vigias etc. Nas neuroses **compulsivas**, aparece o elemento compulsivo. Nos **síndromes histeriformes**, que são os que estão mais vinculados com elementos motores, existe aquela circunstância em que a criatura está a ponto de não poder mais mover-se. Nas neuroses de **angústia**, o indivíduo nunca chega a um determinado lugar ou está impossibilitado de

prosseguir numa ação. Em geral, também, se apresenta o problema da queda. É preciso não confundir este problema da queda no sonho, com aquele outro que sentimos, quando entramos no sono, pela mudança do equilíbrio neuro-vegetativo, que passa do tônus existente na vigília à predominância vaginal.

O estudo dos sonhos, portanto, pode ser considerado como um conhecimento introdutório e preparatório ao estudo das neuroses.

Neste ponto, Freud faz uma pequena digressão, uma breve resenha histórica da interpretação dos sonhos na Antiguidade e a sua decadência a partir da Idade Média que, no entanto, nos legou um conjunto de conhecimentos muito mais absurdo do que a interpretação dos sonhos. Freud faz referência ao repositório de sonhos de Artemidoro de Daldis, século II, que foi o sistematizador daquele conhecimento que mereceu a atenção de Thomaz de Aquino. Daí para diante os filósofos têm o sonho em total descrédito. Somente mais tarde a sua importância foi reabilitada em virtude da difusão do trabalho de Freud, visto os trabalhos de seus precursores Maury e Tinie, não terem sido tomados a sério, embora tivessem elementos substanciais. Tinie fez seus trabalhos tomando por base uma personalidade com delírio ambulatório (Alberto). Ele se preocupava em estudar os movimentos físicos,

a ginástica, e a observar o efeito que produz, dentro do organismo, cada um desses movimentos. O indivíduo tomado para observação era capaz de andar 60 a 80 quilômetros sem apresentar cansaço. Foi objeto de um estudo primoroso de onde saíram conclusões interessantes. Foi o mesmo observado por Freud com os histéricos.

Devemos, assim, entender que Freud voltou aos sonhos que tinham sido deixados ao descaso. Desenvolveu esses elementos num livro que depois foi dado à publicidade. Freud pronunciou uma série de conferências para a introdução ao estudo dos sonhos e dos outros fatores envolvidos na Psicanálise, que passaram a ser uma introdução ao estudo da Psicanálise; mais tarde foram reunidos em livro.

CONCEITOS GERAIS DO SONHO

Nós chegamos à mesma conclusão a que já havia chegado Freud. O sonho é algo evidente, todos nós o conhecemos, mas não podemos ainda dizer o que é o sonho. Freud deu como conceitos gerais do sonho o seguinte:

- surge quando estamos dormindo;
- representa um processo psíquico fora da vigília;
- tem semelhanças com os fenômenos da vida desperta;

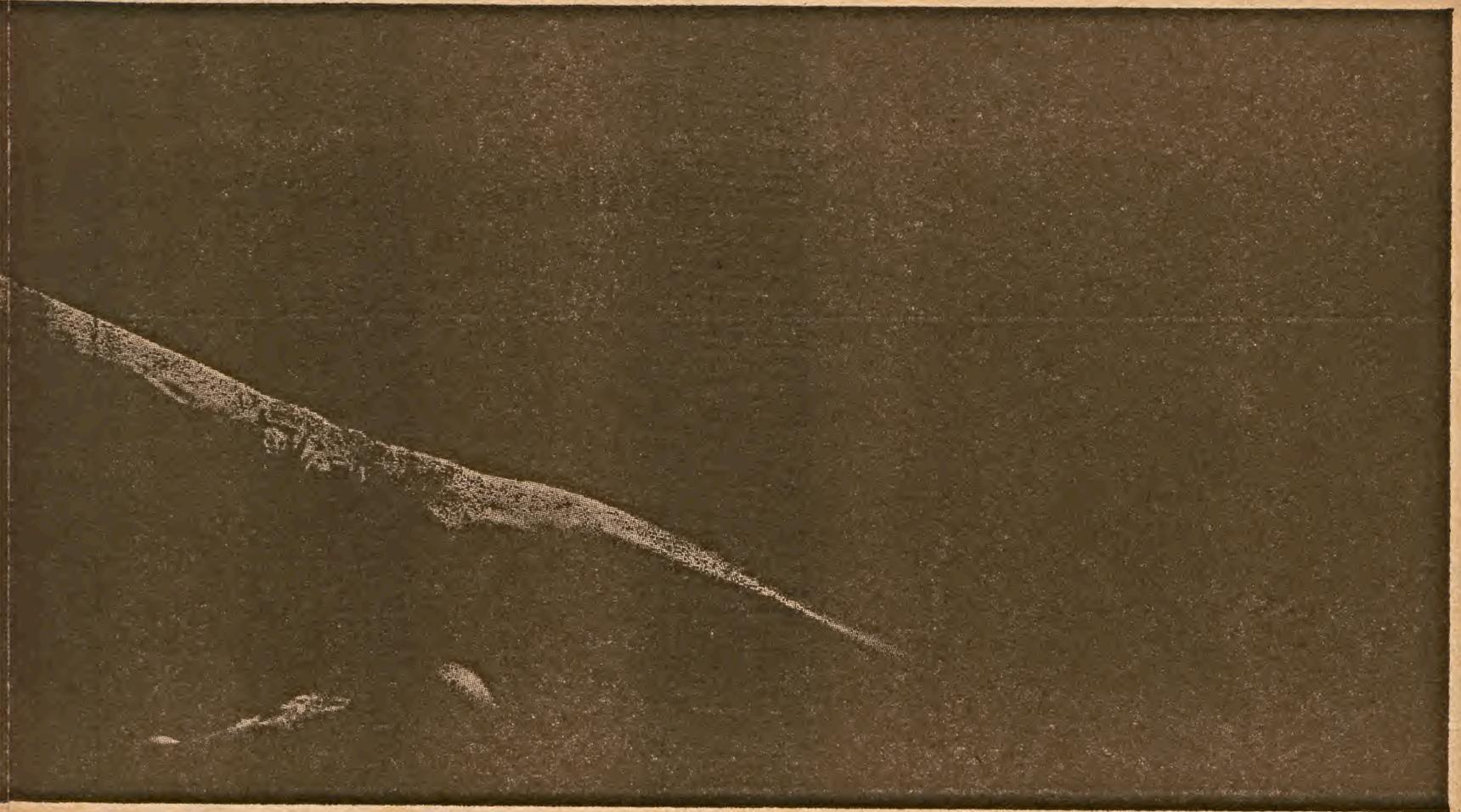


Foto de Dalóia

d) — tem marcadas diferenças com os fenômenos da vigília.

Ele definiu o fenômeno onírico como um estado intermediário entre o sono e a vigília, o que, inicialmente, nos propõe o problema do ato de dormir. Freud já se encaminhava, neste sentido, para estabelecer uma valorização do ato de dormir. Hoje sabemos, pelos trabalhos de **Kleitman** e **Dement**, que é muito mais importante o ato de sonhar do que o sono, que é apenas um acessório do ato de sonhar. Nós ficamos na contingência de dormir para poder sonhar, o que fazemos 5 a 6 vezes por noite, durante o sono, em horas determinadas, 2ª, 3ª, 5ª, 7ª e 8ª horas de sono.

Freud começou a onirologia pelos estudos dos sonhos infantis, nos quais aparece sempre o caráter realizador, nunca o caráter optativo.

De acordo com a psicologia evolutiva, sabemos hoje que a criança começa a sonhar entre os 4 e 5 anos, que é a idade em que já aparecem estados emocionais mais desenvolvidos. Começam a aparecer, também, nitidamente, as ações inibitórias e excitatórias básicas do sistema nervoso e se mostra mais evidente o início do processo de eclosão dos caracteres psíquicos herdados e que quase conflui com a terminação da maturação motora básica, fruto dos componentes genéticos também herdados. Tudo isto fica estabelecido aos

7 anos, quando a reflexão vai se acentuando. Quanto à sexualidade, a primeira manifestação que aparece de forma objetiva, e sem caracteres morais, surge entre os 6 e 7 anos. Porém, Freud e seus seguidores, ainda que dissidentes, colocam entre os 4 e 6 anos, época da eclosão do conflito sexual básico. Freud e seus seguidores também admitem que manifestações primordiais da sexualidade já aparecem na lactância e alguns outros, como **Otto Rank**, a fazem regressar ao período pré-natal, o que **Wilhem Stekel** procura demonstrar com a análise de alguns sonhos muito esclarecedores, embora não conclusivos, no seu livro intitulado «A Linguagem dos Sonhos».

No modelo tomado por Freud, uma criança faz um passeio de lancha com a mãe, atravessando um lago. No outro lado do lago esta criança é arrancada da lancha aos berros de protesto. À noite, ela sonha que está atravessando o lago, numa barca. O que estaria desejando essa criança? O seu protesto deve equivaler ao desejo de continuar passeando no lago. A ação é desenvolvida no presente, realizando o desejo. Nos sonhos de adulto, em geral, o desejo vem expresso num tema do presente, mas não do indicativo, sendo mais comum vir no imperfeito.

Depois de estudar os sonhos infantis, passou Freud ao estudo dos sonhos de adultos. Mas, há sonhos de adultos que se assemelham aos

sonhos de crianças. Como exemplo disto cita Freud os sonhos de preguiça, nos quais a criatura se vê já desperta ou se encaminhando para o trabalho e com isto ela dorme mais um pouco. Também os sonhos de conflitos infantis costumam apresentar-se expressos em tempo presente indicativo, como sonhos de conflitos sociais nas relações humanas. Por exemplo: uma pessoa sonha que está fazendo uma excursão com vários amigos, mostrando uma dificuldade de convívio social e de relações humanas. Porém, há uma diferença marcante. Os sonhos infantis se apresentam numa forma direta, enquanto os sonhos do adulto são alternados, despertando a necessidade de pesquisar qual a razão dessa modificação. Daí ter partido Freud para o estudo de todos os mecanismos deformadores dos sonhos.

Observou que, em várias circunstâncias, os sonhos mantêm uma certa fixidez de significação, do mesmo modo que ocorre na interpretação popular dos sonhos como estão registrados nos livros conhecidos como «dicionário dos sonhos» ou «livro dos sonhos».

Exemplo: uma criatura sonha com uma mesa de formato particular. A investigação sobre o significado dessa mesa o faz recordar de uma determinada família em cuja casa existe uma mesa desse formato. Nessa família há uma circunstância relevante: uma desarmonia completa

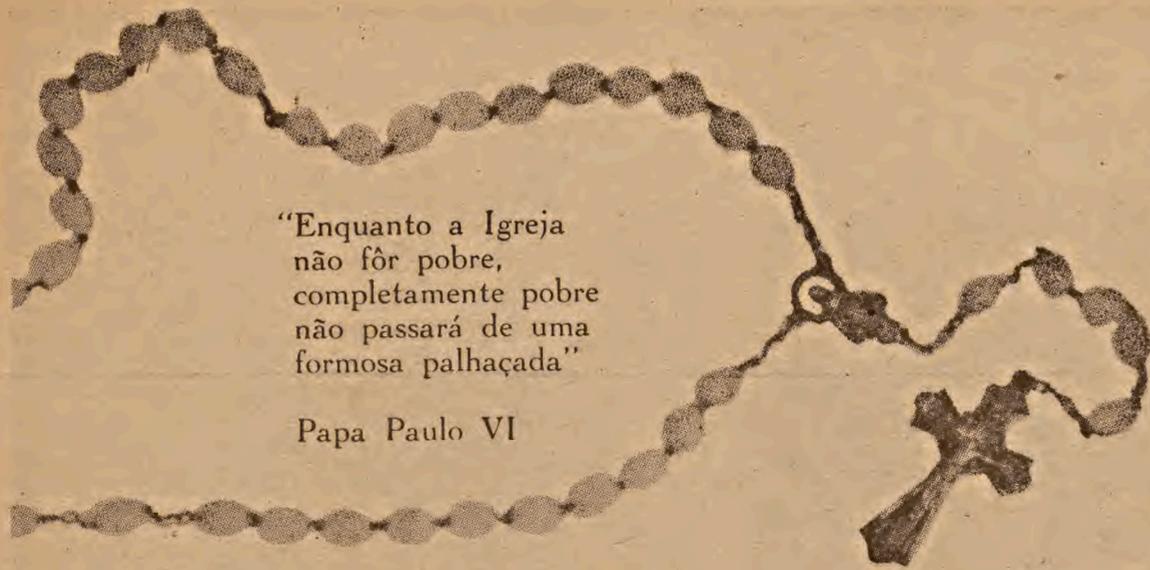
entre pai e filho. Ele então se recorda que tem a mesma situação familiar. Toda a razão do sonho estava escondida. A mesa faz alusão simbólica ao fato. Ele observou que nunca aparece, nos sonhos dos adultos, o fator causal do próprio sonho, mas sim uma alusão ou referência (a que denominamos simbólica) para permitir ou possibilitar o encontro da causa real.

No processo de analogia é preciso compreender qual é a situação problemática que a pessoa está vivendo e o motivo desencadeador do sonho. A pessoa do referido sonho lembra-se de que, ao passar por uma rua, viu um senhor levando pela mão o filho a quem atendia amorosamente, em lugar de se irritar com suas impertinências. Foi este o motivo desencadeante do sonho. Portanto, temos:

1. Um fator externo que, insuspeitadamente, se articula com uma condição ou situação problemática do indivíduo;

2. a existência de uma estimulação que põe em ação o seu psiquismo e a sua afetividade, elaborando um sonho onde está referido esse problema;

3. a utilização de uma condição simbólica (mesa) por intermédio da qual se pode chegar ao problema do indivíduo e até do fator que o estimulou.



“Enquanto a Igreja
não fôr pobre,
completamente pobre
não passará de uma
formosa palhaçada”

Papa Paulo VI

Não obstante o panorama sombrio que se estende sobre o nosso conturbado mundo, refletindo tetricas e apocalípticas cavalgadas que ameaçam destruir tôdas as grandes conquistas e até mesmo a própria humanidade, sopram ventos vivificantes e de esperanças, que são uma promessa de amor, um compromisso de paz, um amplexo de fraternidade.

Os donos do mundo, os fazedores de guerras, os provocadores de hecatombes, esmeram-se na fúnebre tarefa de extermínio, insensibilizados pela tremenda força do seu desmedido poderio político e econômico. O seu desígnio foi sempre matar, matar sempre, ou fabricando guerras ou fabricando fomes. Sempre foi assim e continua sendo, sempre surdos, frios e indiferentes ao clamor dos justos, ao sacrifício dos abnegados. O ouro, a prata, o dinheiro, matou-lhes a sensibilidade, arrebato-lhes a consciência, estrangulou-lhes a razão.

Mas, a justiça humana abre-se num caminho, escancara as portas da esperança e um dealbar de luzes deslumbra e ilumina as consciências impolutas que se aglomeram, se fundem e se engrandecem. E o milagre da redenção humana está-se aproximando, está-se realizando, pouco a pouco, passo a passo. É a dinâmica moderna que em boa hora permeia as consciências adormecidas, despertando-as para a realidade-ambiente que demanda a presença de todos na grandiosa obra de reconstrução social.

Pessoas de tôdas as categorias sociais filiam-se a este imperativo humano e prestam seu deliberado apoio, participando, como podem, de iniciativas condizentes com esta extraordinária aspiração. Mesmo daqueles setores que sempre foram ultra conservadores por excelência e avessos mesmo a qualquer enunciado que significasse melhoramentos para os desprotegidos, surgem rasgos de equidade em manifestas atitudes paladônicas. Aí estão, môças e senhoras de famílias abastadas, chamadas voluntárias, que desinteressadamente prestam seus serviços nos hospitais; manifestas atitudes paladônicas

grupos de jovens missionários fazendo comida e limpeza nos próprios casebres de velhinhos desamparados. Aí estão núcleos de jovens estudantes de ambos os sexos que em suas férias embarafustam pelo litoral afora, instruindo, curando e animando os desventurados caícaras. Vimos durante as noites cortantes deste cru inverno, pessoas anônimas como sombras misteriosas, percorrerem as ruas da cidade, distribuindo cobertores, travesseiros, mantas, agasalhos enfim aos infelizes que dormiam enregelados nas calçadas frias. E que dizer então dos espontâneos doadores de sangue e dos grupos de desfavelamento?

Tudo isso é idealismo, abnegação e desejo de renovar o mundo. Mas, o depoimento capital, o mais insuspeito e significativo por ser de onde é, nos vem do papa Paulo VI, que, em divina exasperação e com candentes palavras, disse ao clero mundial em recente discurso: — «Enquanto a Igreja não fôr pobre, concretamente pobre, não passará de uma formosa palhaçada repleta de escapulários e proibições, nunca porém, o que Cristo e eu desejamos que seja». ... «há só uma coisa intocável: a palavra de Deus. O demais tudo é reformável, porém, essa palavra de Deus, não é uma frase nem um sistema de idéias. Essa palavra está encarnada em Cristo e em cada pobre do mundo. E que fizemos até hoje com essa palavra, que se morre de fome e de tristeza ao lado das nossas nunciaturas, das nossas púrpuras e dos nossos privilégios? Eu deponho a minha coroa, a Igreja há de depor seu triste avoengo de sacristia, para se pôr a serviço do mundo».

Ainda no setor do clero temos o pronunciamento do jovem padre Camilo Torres, que ademais de padre é também sociólogo na Universidade Nacional da Colômbia. Revelam

os jornais que este jovem padre está sofrendo uma severa perseguição por parte dos bispos porque entre outras coisas disse que: — «A revolução na Colômbia é inevitável num prazo inferior a cinco anos, porque o país se acha governado por minoria e o povo não acredita nos políticos.» — O padre Torres censurou a posição da igreja colombiana, a qual, em sua opinião: «Dispõe do pior lastro, que consiste em possuir bens e poder político, o que a leva a seguir a sabedoria dos homens mais que a sabedoria de Deus, como dizia S. Paulo». Afirma ainda o padre Torres: — «O clero colombiano é o mais retrógrado do mundo, pior ainda que o da Espanha».

Quando a reformulação da sociedade humana encontra adeptos no seio da mais conservadora e mais potente organização do mundo, que é o clero, não padece a mínima dúvida que ela se processará.

O que a riqueza social, administrada em condições outras traria a solução desejada para muitos problemas que parecem insolúveis, é ponto pacífico e predominante. E aqueles que se recusam obstinadamente a colaborar na transformação paulatina e racional que se verifica na economia e nos costumes em toda a extensão universal, serão surpreendidos por esse maravilhoso câmbio que mudará, fundamentalmente, todo o conjunto de inter-relações coletivas. Acontece que a dinâmica moderna de investigação social revela tranquilas possibilidades de uma segura reformulação de todo o patrimônio social, e conclui que a humanidade possui recursos e faculdades suficientes para suprimir, do convívio humano, a fome, a miséria e todo o sofrimento provocado pelo egoísmo, pela ganância e pela indiferença, que são, afinal de contas, males perfeitamente removíveis.

É óbvio o encarniçado propósito dos eternos inimigos do avanço social, daqueles que pensam que todo o progresso, toda a evolução, todo o grande e penoso sacrifício das gerações passadas e presentes, deve estar à mercê do seu funambulismo mercenário e das fortunas escusas de suas arcas. Esses foram sempre os causadores dos grandes atritos sociais. Constitui o já muito conhecido poderio econômico, que decide quanto cada pessoa deve comer, em que condições pode viver, e, também, como deverá morrer. São os temerosos de que um novo ordenamento social, um sistema mais justo de entendimento humano, os deixe sem teto e sem conforto, como castigo merecido pelo acervo de injustiças praticadas.

Não sabem que a solução, a verdadeira solução humana, justa e definitiva, não reside, positivamente, em despojar uns para enriquecer outros, em tornar verdugos os que foram vítimas. Mas sim, na distribuição equânime para todos, no atendimento racional de cada um, e na garantia de vida tranqüila e decente para sempre. Esta é a solução que devem procurar tôdas as religiões, tôdas as doutrinas. Esta é a solução que devem buscar todos os partidos, tôdas as filosofias. Esta é a solução que querem todos. Esta é a solução que se aproxima.

Pedro Catallo

Grupo de Amigos de “Nossa Chácara” Comprou Um Sítio

E agora?

Agora nós precisamos ajudar.

O Grupo de Amigos, de «Nossa Chácara», numa conjugação de esforços extraordinária, vê coroada de êxito a conquista de um objetivo que vinha sendo perseguido há muito. Trata-se da aquisição de um sítio, cuja gleba de terra de cinco alqueires, possibilitará o pleno desenvolvimento das iniciativas e ideais que constituem o apanágio dos que integram o grupo. Para tanto colocaram «Nossa Chácara» à venda e então empenhados em arrecadar fundos e por nosso intermédio fazem apelo a todos aqueles que conhecem a iniciativa e com ela têm afinidade para que procurem a Comissão e com ela colaborem, pois os encargos são pesados.

Nós que conhecemos o que são suas promoções de confraternização, onde se aprende a amar a natureza e a cultivar a dignidade da vida, o quanto têm de elevado idealismo os propósitos que norteiam o Grupo, damos o nosso incondicional apoio. Para a frente pois, Amigos de «Nossa Chácara»!

EDITORA GERMINAL

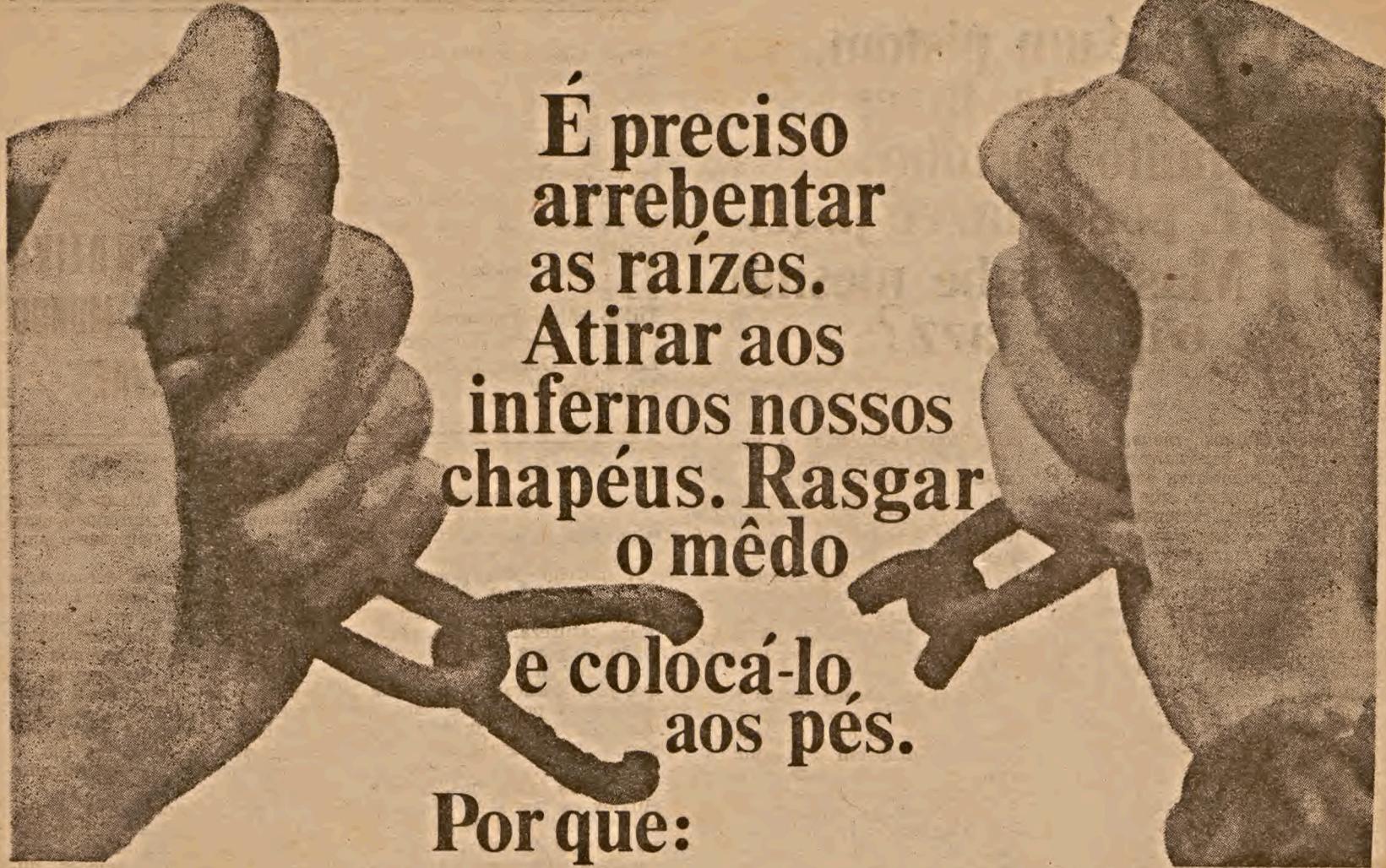
Fundada em 1947

Importação e Exportação de livros
técnicos, científicos, filosóficos etc.
Assinatura de revistas estrangeiras

Av. 13 de Maio, 23 - 9º and. - sala
922 - Tel. 52-1001

Para correspondência:

Caixa Postal, 142 - Agência da Lapa
- Rio de Janeiro - Brasil.



**É preciso
arrebentar
as raízes.
Atirar aos
infernos nossos
chapéus. Rasgar
o mêdo
e colocá-lo,
aos pés.**

Por que:

Brutalizaram a idéia de Deus, profanaram a apregoação do Cristo, torpedearam os direitos do homem, puseram a ferros a liberdade... e nenhuma voz, nenhum gesto se ergueu para impedi-los... Foi decretada a falência do homem.

Há guerra no Vietnã, na Cachemira, revolta em São Do-

mingos, na Argélia, guerrilhas na Peru; até a natureza se desespera varrendo cidades com seu furacão Betsy; vomitando suas lavas o vulcão Taal mata duas mil pessoas; inundações devastam o Rio Grande do Sul; surgem indícios de peste bubônica na Bahia; morrem de fome quatrocentas crianças por dia no

Brasil... mas reina paz na terra dos homens sem coragem... que de cócoras apostam na corrida que se faz rumo à Lua. «—O foguete tem cento e vinte metros de altura».

É a idade do desastre, a era das alienações, da lenga-lenga dialética, da tática subliminar. Tornam-nos contra nós mesmos, nos distraem e nem sequer percebemos que nos cospem no rosto; pensamos que são sorrisos.

tra a mordaca, as alienações e o achaque que nos procuram impor. É preciso coragem. Mas também para viver é preciso coragem, pois a vida existe em face com a morte. E é de dealbar a coragem das vozes que traz o vento: «Não concordo com uma só palavra que dizeis, mas defenderei até à morte o teu direito de dizê-las». É o princípio em tempos de dealbar.

Casa em Vila Kennedy, Vila Esperança...

Conclusão da página 2

dores, que emprestariam a mão-de-obra, em sistema de cooperativa de auxílio mútuo. Desapropriação pela municipalidade das áreas faveladas e venda a baixo preço de terrenos aos habitantes das favelas.

3 — Erradicação total da favela irrecuperável, com a mudança de sua população para casas pré-construídas, o que já está sendo feito pelo Governo da Guanabara, com a construção das Vilas Kennedy, Aliança e Esperança; porém, não no ritmo que seria desejável.

4 — Reeducação do favelado para uma vida comunitária e cooperativa, integrada no reconhecimento dos direitos e deveres de cada um para consigo e com seus semelhantes. A realidade dos fatos tem mostrado que não é suficiente dar apenas melhores condições de habitação e padrão de vida para que os favelados se modifiquem. Num percentagem elevada, estão de tal modo pervertidos psicologicamente que resistem a toda modificação para melhor. Preferem viver na fa-

vela, transformam as novas habitações em autênticas favelas pela má utilização do sistema sanitário, pelo acúmulo de detritos que são atirados pela janela, pela depredação das paredes das casas, pelo desrespeito aos direitos de seus semelhantes, culminando com a venda da própria casa e o retorno a outra favela, onde parecem encontrar-se mais satisfeitos e integrados. O problema reeducativo e reorientador parece-nos de amplitude extrema, pois é mais do que necessário modificar as condições externas, sociais, ao mesmo tempo que as condições internas condicionantes, determinantes. Pensar marxisticamente que pela modificação das condições econômicas e sociais tudo será modificado, é estar longe dos modernos conhecimentos de sociologia, psicologia e psiquiatria social. Homem e meio paralelamente devem ser modificados, e no caso das favelas uma assistência psicológica, sanitária e psiquiátrica é meio necessário para a recuperação integral do favelado para uma vida útil, social e produtiva.

Amarrados por nossas raízes, plantados na triste felicidade de nossa miséria, escondemo-nos da luz, abrigados à sombra de nossos grandes chapéus, como ridículos cogumelos visionários, a contemplar satisfeitos glórias passadas, ou a decifrar o significado de sonhos idos. É preciso arrebentar as raízes, atirar aos infernos nossos chapéus, rasgar o mêdo e calçá-lo aos pés. São tempos de dealbar... porque vai alto o negrume da noite e só nós, os homens, juntos, podemos erguer a claridade do dia e fazer lúcido este capítulo desvairado da História.

Não é a hora de discutir estérilmente a existência de Deus, os direitos do homem, ou a liberdade.

É hora de estudo, trabalho e protesto: estudo da atual situação mundial, do Brasil, de sua História, de seu momento presente, de métodos que o possam encaminhar ao cooperativismo e desenvolvê-lo; trabalho para a instituição de sociedades cooperativas com resultados positivos para exemplar; protesto con-

BALANCETE DO PRIMEIRO NÚMERO CONTRIBUIÇÕES

Saldo de «O Libertário», 90.000; Félix, 1.000; Dias, 500; Frange, 300; Diversos do Centro de Cultura, 36.000; Polissou, 2.500; Virgílio Dal'Oca, 1.000; J. C., 2.000; Rojo, 2.000; Germinal, 2.000; Cecílio, 2.000; Trubilhano, 10.000; Chiquinho, 2.000.

Total Cr\$ 151.300

DESPESAS

Registro: Reconhecimento de firma .. 100
Registra: Selagem no Forum 400
Registro: Forum —
Repartição Arrecadadora 1.340
Clichês 45.000
Tipografia 56.600

Total Cr\$ 103.440

RESUMO

ENTRADAS Cr\$ 151.300
SAÍDAS 103.440
Saldo em Caixa Cr\$ 47.860

Isto é um pistom. Isto pode fazer muito barulho. E pode fazer jazz. Mas V. sabe mesmo o que é jazz?

Alguns amigos meus, a quem prezo especialmente, têm feito comentários ocasionais sobre música que me deixam atônito. Sabendo de meu interesse por Jazz, vez por outra chamam minha atenção para alguma gravação, com uma frase deste tipo: «V. ouviu o Sinatra cantando BLUE MOON? Não é sensacional? Ele é o maior cantor de jazz do mundo!».

Mas será mesmo Jazz aquilo que Sinatra canta? Será que é Jazz o que fazem Doris Day, ou Ray Coniff, ou Bert Kampfert, ou Connie Francis?

Gosto muito de Frank Sinatra, como de alguns dos outros, mas não posso permitir que chamem ao que eles fazem de Jazz.

Assim, chegamos ao ponto: o que é Jazz? E o dilúvio universal começa. Porque não há nenhum ponto em que os apreciadores de Jazz mais diferem do que a definição ou significado do próprio termo. Cada autor ou teórico tem uma explicação diferente, os admiradores constroem suas definições de acordo com o estilo que mais apreciam, e os próprios músicos, quando interrogados, refugiam-se em ambíguas e confusas modulações verbais.

Acho que não nos interessa tanto, no momento, a análise das várias definições surgidas através da História. Pretendemos abordar o Jazz inicialmente através de sua significação social e cultural, sem omitirmos certos detalhes técnicos de importância decisiva.

Voltando a Sinatra, concordamos em que o que ele faz não é Jazz. Mas isso não significa que ele não possa fazer Jazz, se quiser. Daqui extraímos a primeira idéia importante sobre o Jazz: Jazz (qualquer que seja sua definição), não é um tipo especial de música, que só pode ser executada por tipos especiais de músicos. Jazz é, antes de tudo, uma forma de comunicação, um modo especial de executar uma composição, modo esse que depende tão somente do executante.

E aqui chegamos à segunda idéia básica: contrariamente à chamada música séria, em que o executante é somente o intérprete de algo criado por outra pessoa, no Jazz o processo criação-execução é acrescido de uma ter-

ceira forma decisiva: a improvisação. Assim, o executante é ao mesmo tempo criador, o que lhe confere uma dignidade extra de compositor. Temos então que qualquer música, dependendo do tratamento, pode ser executada «jazzisticamente», e inversamente temas jazzísticos podem ser aproveitados para outro tipo de comunicação musical.

No primeiro caso temos a «Élégie» de Massenet (um compositor «sério»), gravado por Art Tatum em 1954, num solo de piano bastante arrojado. Evidentemente qualquer pessoa poderia reconhecer na Élégie de Tatum traços óbvios da peça de Massenet, mas indiscutivelmente a comunicação que provém de Tatum é totalmente diferente da transmitida pela obra de Massenet. Nós dissemos diferente, e com isso frisamos uma diferenciação que não envolve juízo de valor.

No outro caso a composição que Duke Ellington gravou pela primeira vez em 1927, «Mood Indigo», foi continuamente utilizada por diversos conjuntos de Jazz dos mais diversos estilos. Hoje em dia encontram-se gravações «comerciais» de Mood Indigo por orquestras desde George Melachrin, que não tem nada a ver com Jazz, até à Banda de Carabineiros da Sardenha, que tem muito menos ainda.

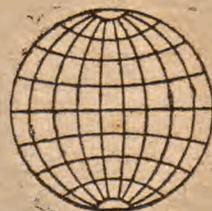
Isso parece vir provar a enorme força viva que é o Jazz, erradicando-se em centenas de direções e desenvolvendo-se através de uma série imensa de estilos, o que, se por um lado causa uma certa confusão no espírito dos leigos, demonstra de sobejo sua tremenda vitalidade.

Gosto do Jazz por isso: essa linguagem musical sui-generis, totalmente destituída de formalismos e academismos, essa linguagem viva que transcende as barreiras das nações, os preconceitos, os sectarismos, as ideologias, constitui-se num mundo fascinante para mim e milhares de outras pessoas em todas as partes do mundo.

O modo como tudo isto começou, e como se desenvolveu, bem... essa já é outra história.

Sérgio L. de Carvalho
— Guerreiro

Assim Cantava um Cidadão do Mundo (poemas que levaram o autor 13 vezes às masmorras da Inquisição do Salazar) Roberto das Neves	Cr\$2.500
Na Inquisição do Salazar, L. Portela (em colaboração)	Cr\$ 3.000
Nova Ética Sexual, E. Armand	Cr\$ 2.000
Tufão sobre Portugal, General Humberto Delgado ...	Cr\$ 2.500
Erros e Contradições do Marximos, V. Tchekesoff ..	Cr\$ 2.000



**COOPERATIVA
EDITORA MUNDO
LIVRE**

FALA A CIÊNCIA

(Continuação do núm. ant.)

A marcha deve constituir-se na principal forma de exercício para os pacientes desta natureza. O golfe, a natação, a pesca e a caça são aconselháveis, para aqueles que já o praticavam antes de adoecer. A prática de exercícios que exigem grande dispêndio de energia é totalmente prosrita.

Há mais de 30 anos, Aldous Huxley escreveu sua famosa obra «Admirável Mundo Novo». Naquele livro falava ele de seres humanos que aprendiam através do inconsciente. Isto é, usavam atalhos para desenvolver seus talentos da melhor maneira possível.

Hoje, os cétricos rendem-se à realidade: milhares de estudantes, em muitos países, provaram o valor do método como auxílio estimável à educação.

O sr. Geoffrey Stocker, um dos mais famosos professores a utilizar o novo método, é presidente de uma associação para a pesquisa do aprendizado enquanto o aluno se encontra adormecido.

A Associação conta com um dormitório-sala de aula, em Hampstead, no norte de Londres. Cada cama no dormitório tem pequeno alto-falante sob o travesseiro. Esse é, por sua vez, ligado a um gravador de fita à cabeceira e a um comutador automático.

O aluno simplesmente vai dormir, como normalmente o faz, depois de preparar o equipamento para reproduzir uma determinada fita. Na hora estabelecida, o gravador começa automaticamente a funcionar, e o saber lentamente passa pelo travesseiro, pela audição do aluno, alojando-se em seu inconsciente.

Esta parte da mente, sempre alerta, é altamente receptiva a qualquer informação que lhe seja dada.

Do inconsciente, a matéria é levada à memória, onde permanecerá gravada, para futuro uso pela pessoa.

O sono do aluno é inteiramente tranqüilo. Muitos alunos do sr. Stocker fizeram a experiência em suas próprias casas. Um deles, por exemplo, recentemente aprendeu uma língua estrangeira através

dêsse método. Afirma ele que numa só noite aprendeu uma lista de novas palavras e seus significados.

Pelo que ficou demonstrado, parece ser possível modificar-se os padrões de aprendizado, se o método se tornar universal. Conhecimentos essenciais, que atualmente só podem ser assimilados através de longos e cansativos estudos, poderiam ser agora aprendidos sem esforço e com maior rapidez, durante o sono.

Uma vez adormecido o aluno, sua mente está livre das distrações continuamente provocadas pelas sensações, durante a vigília. A concentração é assim absoluta. Como sustenta o próprio sr. Stocker, «não há motivo para que um aluno tema a má memória, se preocupe com a incapacidade de concentrar-se, ou duvide da própria habilidade para estudar matérias que imagina muito difíceis para sua compreensão. Uma vez conseguida a receptividade, o aprendizado durante o sono se torna processo repetido simples, não exigindo qualquer esforço mental».

Uma vez que o ser humano normal passa um terço de sua vida na cama, as possibilidades de aumentar a capacidade de aprendizado enquanto se dorme parecem ser estimulantes — e quase ilimitadas. A medida da inteligência, parece, assim, seria mais o conforto da cama que a dureza do banco escolar...

dealbar

Nós precisamos do seu tempo:
Queremos que V. leia Dealbar inteirinho.

Nós precisamos do seu dinheiro:
Queremos que V. dê uma contribuição para que Dealbar continue saindo.

Dealbar não tem preço. Dê quanto V. acha que ele vale. Ou dê quanto V. possa dar. Isso será uma grande ajuda.